

JORNAL: Tribuna da Imprensa LOCAL: Quamabara

DATA: 18 e 19 / 09 / 1954 AUTOR: Macedo Miranda

TÍTULO: Janela sobre o Mundo.

ASSUNTO: Ivan Serpa expondo nos  
Estados Unidos

## JANELA SOBRE O MUNDO

MACEDO MIRANDA

IVAN Serpa está expondo nos Estados Unidos. Não é todos os dias que um pintor brasileiro vê seus méritos assim internacionalmente proclamados, de maneira especial quando se trata de um jovem artista. Não de relevar, portanto, a insistência com que trato da personalidade e da obra de Serpa: mais que a simples amizade, o que me move nesse sentido é uma funda admiração pela sua seriedade, sua ânsia de descobrimentos (que o mergulha em eterna pesquisa e em eterna insatisfação) e, principalmente, sua paciência de artesão, sua humildade diante da matéria, sua fascinação perante o mistério criador, que considera uma faceta do milagre.

Criação é, realmente, para Serpa, um mistério e um milagre. É quase com reverência que ele se inclina sobre os mais diversos, os mais estranhos materiais, buscando dar vida ao que é bruto, tentando animar, mais que com as mãos, com o sopro divino que há no verdadeiro artista, aquilo que é inerte, mas guarda em si toda a potencialidade que o poder criador pode descobrir e dinamizar.

Dizia-me, há pouco tempo, um crítico (e dos mais sérios e acatados) que Serpa, até agora, pesquisou muito, mas não se realizou, trilhou inúmeros caminhos, mas não marcou o seu caminho. Talvez tenha razão esse crítico, embora deva levar em conta duas circunstâncias. Primeira, a idade de Serpa, que, se não me engano, mal dobrou o cabo dos 30. Segunda, a evidência lógica e histórica de que a pesquisa em direções novas, mesmo quando não leve a uma descoberta específica, é já por si uma descoberta, pois, no mínimo, abre perspectivas diferentes para os contemporâneos e mesmo, talvez principalmente, para os posteriores.

Acredito, assim, que Serpa esteja na verdade criando, embora a aparência de que esteja apenas inventando ou levando até as últimas consequências certas técnicas, certos modos de trabalhar certos materiais. Se se atenta, no entanto, apenas no elemento beleza, dá arte, aí, então, caem por terra quaisquer dúvidas: as cores e as formas que se desprendem dos dedos do jovem Serpa são inegavelmente magias novas, magias que ele arrancou à alquimia estranha que se processa no que chamaremos, sem evitar o chavão, sua alma de artista.

Até onde eu saiba (conheço mal o grupo novo de S. Paulo, Geraldo de Barros, Sacilotto, Cordeiro e outros), nenhum artista moço do Brasil tem contribuído tanto para pesquisas, nos mais diversos terrenos, e transmitido tão generosamente o fruto de seus trabalhos a outros cérebros e outras mãos ávidos de terrenos diversos. O Grupo Frente é uma prova disso. O Grupo Frente, que ele não procura dominar, a que não procura impor-se, mas que nasceu de sua humildade, quando julgou que não podia continuar professor dos que considerava companheiros de buscas.

Tenho acompanhado de perto o labor de Ivan Serpa, podendo falar com conhecimento de causa. Em socorro do meu desconhecimento das artes plásticas, posso chamar o testemunho, talvez apaixonado mas altamente categorizado, de um Mário Pedrosa. Não necessita, porém, dessa muleta, se se trata de atestar a humildade, a reverência e a profunda seriedade com que Serpa se dedica ao seu trabalho. Os frutos que tem colhido, se se devem também ao seu talento, não se devem menos ao estudo cotidiano e atento, à ânsia de saber o que se passa em todo o mundo e a uma aplicação

instituto

divulgado

Arárea